

III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA
FORMAÇÃO DA BURGUESIA IMIGRANTE DO PARANÁ (1853-1930)

RICARDO COSTA DE OLIVEIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RESUMO: *O presente trabalho analisa o processo de formação da burguesia imigrante no Paraná. A partir das transformações operadas na sociedade e na economia paranaense do Segundo Império, com a crise da reprodução da economia escravocrata, abrem-se as possibilidades para as políticas de Estado que viabilizam a imigração de europeus para o Brasil. O nosso estudo pesquisa esse processo para o Paraná. As especificidades da região são apresentadas, assim como as estratégias da criação do novo empresariado que se estrutura através do novo modo de produção. Acompanhamos casos empíricos individualizados da constituição da nova burguesia e algumas das suas relações com as antigas estruturas sociais, econômicas e políticas do Paraná.*

A imigração européia foi possibilitada pela economia da erva-mate e pela crise da escravidão paranaense. A partir da década de 1860, os emergentes cafezais na vizinha Província de São Paulo passam a atrair escravos do Paraná, que para lá são vendidos (Ianni : 1988, 113). A erva-mate oferecia condições de renda para boa parte da população livre, sendo que o café em São Paulo atraiu muitos dos já reduzidos quadros de escravos da Província. A consequência é uma crise de abastecimento e a carência de produtos de subsistência. (Santos : 1995, 36).

O que também viria a facilitar a implantação da imigração foi o caráter do aburguesamento da classe dominante. Esta, no final do século XIX, já não necessitava de uma dependência rigorosa do controle fundiário para as suas estratégias de reprodução, podendo, e inclusive querendo, vender terras não utilizadas ou sub-utilizadas com as atividades do mate e da pecuária/ tropeirismo/ invernada, para efeitos de lucros resultantes da venda fundiária de terras para a imigração.

A primeira fase imigratória foi a de alemães para os interstícios florestais entre o litoral e os campos do planalto, entre 1820 e 1850. Composta de membros daquele grupo que ocuparam as regiões florestais entre o litoral, já povoado desde o século XVII e XVIII por vicentistas e açorianos, e os campos do planalto - o corredor do tropeirismo e da pecuária, extensivamente ocupado pela sociedade pastoril e pelo caminho das tropas entre o sul e Sorocaba.

A região florestal nas escarpas da Serra é o cenário da localização das colônias de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul; São Pedro de Alcântara, Blumenau e Joinville em Santa Catarina. A consequência geopolítica é o cerco aos grupos de índios Xoclog, os bugres do planalto. A vertente do norte do caminho do Viamão é o Caminho da Mata, que se limita com o Rio Negro. Ao sul do Rio Negro, há uma extensa área florestal até se alcançar os campos ao norte de Curitiba. Nessa área florestal, seria localizada a colonização de alemães no Rio Negro em 1829.

Uma das importantes consequências desta fase, foi a vinda espontânea de alemães para Curitiba. Originários principalmente da colônia Dona Francisca (Joinville), estabeleceram-se principalmente ao norte do rio, formando diversas chácaras na região. A sua vinda a partir de 1850 é promovida pelo clima mais ameno do planalto e pela situação econômica favorável da recém-instalada capital da mais nova província do Império em 1853¹. Dois precoces imigrantes alemães vieram para a Lapa,

1 Roberto Avé-Lallemant em sua *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*, apontou que “Em Curitiba o salário é quase o dobro do de Dona Francisca. Jovens que, ao chegarem da Europa, pelas condições difíceis ainda existentes nas colônias alemãs, não podem logo comprar terra, por falta de

desempenhando um papel na contribuição alemã para a sua classe dominante, a partir de casamentos com famílias de importância local. Trata-se de Frederico Guilherme Virmond e Eugênio Westphalen, que chegaram em torno de 1830.

O segundo modelo de implantação de imigrantes seria uma fase caracterizada pela localização de colônias em lugares relativamente desabitados e nos sertões distantes. Há uma certa visão utópica a moldar a motivação particular na imigração, quase sempre organizada em bases individuais. As suas experiências (Martins : 1941) foram :

-1847. Colônia Teresa. Fundada pelo médico suíço João Maurício Faivre, localizada no sertão do rio Ivaí, com o apoio do Governo Imperial e da Imperatriz. Apenas 10 franceses, dos 87 encaminhados, lá chegaram. A colônia logo se desorganizaria com a morte de Faivre em 1858. Passaria a ser mais uma localidade no sertão com nacionais, pouco restando da presença européia.

-1852. Superagui. Organizada em 1852 na ilha do Superagui, no litoral norte do Paraná por Carlos Perret Gentil, sem auxílio do Governo. Em 1858 eram 60 colonos suíços estrangeiros e 436 nacionais. A colônia exportava café, arroz, farinha, conserva de peixe, aguardente e vinho. Com a morte de Gentil, desestruturou-se.

-1860. Assungui. A mais de 100 Km. de Curitiba. Fundada com o apoio do Governo e com imigrantes alemães, ingleses, franceses e outros. Também não consegue prosperar.

-1889/1890 Colônia Cecília. Segue o modelo de localização distante. Criada por anarquistas italianos, contou com o apoio do Imperador Dom Pedro II. (Souza : 1970). Um dos filhos do membro da Colônia Exício Cini, seria Hugo Cini, empresário da indústria de bebidas do mesmo nome em Curitiba. (Souza: 1970, 185).

A terceira fase foi marcada pela formação de colônias ao redor de Curitiba². Seria caracterizada pela proximidade da área urbana de Curitiba. Foi a experiência mais fecunda e a mais original da imigração européia no Paraná.

Com a intensificação do fluxo e o estabelecimento de imigrantes, surge a categoria social burguesia imigrante³. Esse segmento social geralmente é representado por imigrantes que trazem uma estrutura de classe “*pré-fabricada*” (Dean, s/d: 59-60). Quase sempre já possuíam experiências no comércio, na manufatura e detinham conhecimentos técnicos; pertenciam à classe média. Muitos já tinham tido experiência ou eram de áreas urbanas. Também perceberam vantagens nas demandas econômicas das massas de imigrantes, com seus hábitos de consumo específicos, sejam os alimentares, têxteis, residenciais e de serviços em geral. A burguesia imigrante possuía a vantagem do conhecimento da língua e das necessidades do mercado de consumo das massas urbanas e rurais européias. A burguesia imigrante mantinha contatos com fontes de capitais e de fornecedores nos países europeus.

É possível um levantamento da importância da burguesia imigrante no período provincial. Altiva Balhana e Cecília Westphalen analisam os anúncios comerciais publicados no jornal *O Dezenove de Dezembro*, relativos a empresas comerciais e industriais. Esta é uma amostragem que atinge basicamente Curitiba, onde o jornal

dinheiro, ou querem primeiro adquirir alguma experiência trabalhando como jornalista, têm escolhido, em grande número, a Cidade de Curitiba como seu ponto provisório de trabalho... (1953, 279).

2 A implantação de um cinturão de colônias européias ao redor dos arrabaldes de Curitiba é um modelo único no país.

3 A formação da burguesia imigrante em São Paulo foi estudada por Warren Dean no seu livro sobre “*A Industrialização de São Paulo*”.

era editado. A participação dos anúncios de firmas não luso-brasileiras passa de 25% em 1854-59 para 32% em 1860-69, 36% em 1870-79 e 43% em 1880-89. No total dos anúncios, entre 1854-1889, as firmas luso-brasileiras detêm 62,75% do total anunciado; os imigrantes e seus descendentes : alemães 20,09%, italianos 6,59%, franceses 6,74% e outros 3,83%. (Balhana, Westphalen : 1986, 251- 252).

A presença dos imigrantes se fez sentir em quase todas as atividades econômicas. Dos 52 municípios do Paraná avaliados no período de 1890- 1929, em números de empresas comerciais e industriais, os brasileiros estão presentes em 51 municípios, apenas não se encontrando na antiga Colônia de Antonio Olinto, de alemães do Volga. Os brasileiros têm o predomínio em 42 municípios. Os alemães em dois, os italianos em três. Os eslavos em quatro. Os sírios-libaneses em um.

No total das empresas registradas pela Junta Comercial entre 1890 e 1929⁴, de acordo com a origem étnica, os brasileiros possuem 34,7 % das empresas de Curitiba, os alemães 32,0 %, os italianos 17,2 %, os sírios e libaneses 7,8 %, os eslavos 5,6 % e os outros grupos 2,7 %. No interior do Paraná, a distribuição étnica segue a seguinte divisão : brasileiros 44,8 %, alemães 15,5 %, italianos 12,9 %, sírios-libaneses 15,0 %, eslavos 10,1 % e outros 1,7 %. (Balhana, Westphalen : 1986, 272).

Durante a República Velha, os brasileiros controlam os negócios com o capital inicial médio acumulado mais elevado, graças principalmente aos estabelecimentos ervateiros e as casas de comissões, representações, consignações, seguros e imobiliárias. Os alemães tinham maior participação em algumas das novas áreas industriais, como as fábricas de tecidos de algodão, lã e meias, fitas e metro, fósforos, tabletes alimentícios, sabão, vidros, celulose e papel, adubos e instrumentos musicais. Os italianos controlavam a produção de massas alimentares e fermentos. No total dos capitais iniciais acumulados pelas empresas comerciais e industriais do Paraná, entre 1890 e 1929, os brasileiros possuíam 47,0 %, os alemães 26,7%, os italianos 12,7%, os sírios-libaneses 6,5%, os eslavos 4,2% e os outros grupos 2,9 %. (Balhana, Westphalen : 1986, 276-282). Mesmo com a forte imigração, os brasileiros detinham praticamente a metade dos capitais iniciais acumulados entre 1890 e 1929. Ainda que a participação dos empresários de outras origens étnicas nos setores dinâmicos tenha sido representativa, principalmente nos setores industriais modernos, a participação brasileira era maior nos mais importantes setores econômicos para o Paraná, como era o caso da erva-mate até 1930.

Analisaremos o perfil de alguns dos principais agentes da burguesia imigrante no Paraná, para o período estudado⁵.

Miguel Muller. Natural da Prússia. Filho de Felipe Muller, um dos pioneiros alemães do Rio Negro, de 1829. Miguel, também conhecido por “Miguel Alemão” era ferreiro. Após anos de intensa labuta com a sua ferraria, tornou-se um dos grandes proprietários urbanos de Curitiba. Seu filho, o Tenente Nicolau Muller, da Guarda Nacional de Curitiba e Voluntário da Pátria, morreu em ação em Tuiuti. Quando o

4 As informações sobre o empresariado paranaense na República Velha são oferecidas pela análise das estatísticas da Junta Comercial do Paraná. Entre 1890 e 1929, foram registradas 4.644 empresas, constatando-se 2.448 em Curitiba e 2.196 no interior do Estado. Do total, 7,6% foram registradas na década de 1890, 11,8 % na década de 1900, 23,8% na década de 1910 e 57,6% na de 1920 (Balhana, Westphalen: 1986, 256).

5 Uma boa descrição das atividades econômicas dos alemães em Curitiba nos é oferecida por *Toiro Passante. III - Tempo de República Velha* (Tourinho : 1990, 177-179).

Imperador Dom Pedro II esteve em Curitiba, fez questão de visitar o velho ferreiro. (Negrão : V6, 435).

Gottlieb Mueller (1843-1902). Nasceu em 8 de janeiro de 1843 no Cantão de Argovia, Suíça. Possuía educação secundária e aprimorados conhecimentos técnicos como ferreiro e serralheiro. Em 1868 emigrou para o Brasil. Casou-se com Ana Maria Baumer, em Joinville, SC, em 1869. Veio para Curitiba com uma bigorna e um fole de mão, onde estabeleceu o seu negócio em 1878, estrategicamente localizado na parte norte da cidade, nas proximidades das saídas para as Estradas do Assungui e da Graciosa. O pequeno estabelecimento vai se transformar em uma grande indústria metalúrgica, com o crescimento da produção e a incorporação dos lotes adjacentes. A empresa Mueller atendia os serviços de ferreiro de carroças, fazia pequenos utensílios domésticos, máquinas agrícolas e até produzia ferramentas e equipamentos mais desenvolvidos para a indústria do mate, chegando inclusive a exportá-los para a Argentina. O contínuo progresso da empresa chegaria à incorporação de toda uma quadra como sede industrial. Em 1940, a produção chegou a 2.000 toneladas anuais, e o número de técnicos e operários especializados, era de mais de 300. A maior parte dos operários da Companhia eram alemães. Havia um programa interno de assistência social através de uma “Caixa Mútua”. Também existia um serviço de aprendizado técnico mantido pela fábrica. A área construída da indústria Mueller compreendia 13.000 m² na sua sede original. Em 1975, a fábrica foi transferida para outras sedes e o espaço original se tornou o *shopping* Mueller, no centro de Curitiba. A produção passou do bronze, ao ferro, ao aço e ao ferro gusa. Gottlieb teve oito filhos, que continuaram a sua obra na fundição Marumbi. Em 1883, naturalizou-se brasileiro. Alistou-se eleitor, e em 1885, foi nomeado suplente de Delegado de Polícia. Em 1889, era capitão da Guarda Nacional. Pertencia à Igreja Evangélica e a diferentes associações de alemães em Curitiba. Faleceu em 10 de julho de 1902. (Carneiro, s/d 175- 76),(Chaves, 1995 85- 89), (Tourinho, 1990 175- 177).

José Hauer. Nasceu em Neualtsmanndorf, próximo a Breslau, Silésia, em 1840. Em 1863 emigrou para a Colônia Dona Francisca. Pouco depois estabeleceu-se em Curitiba com uma selaria. Passou a se dedicar ao comércio de ferragens, fazendas, armarinhos. Enriqueceu conjuntamente com outros membros da família Hauer, que igualmente vieram da Europa. Dedicou-se à construção de sobrados e outros investimentos na cidade. Os Hauer também adquiriram uma grande extensão de terra no sul da cidade, da estrada velha de São José dos Pinhais até o Portão. Participou do financiamento da empresa de navegação e da primeira Usina de Luz Elétrica para Curitiba. Construiu o Teatro Hauer, um estabelecimento para sessões de cinema. (Chaves, 1995: 129- 135) (Tourinho, 1990: 182- 183).

Florian Essenfelder. Nascido em 1855 em Friedland, Prússia. Grande interessado na música. De aprendiz, passou a mestre na fábrica de pianos Bechstein. Casou-se com Maria Amelte, nascida em Königsberg. Emigrou para Buenos Aires. Em 1898 apresentou o primeiro piano de cauda construído na América do Sul, sendo premiado com o Grand Prix da Exposição Nacional da Argentina, entregue pelo General Julio Rocca. Florian vai em seguida para Rio Grande, no Rio Grande do Sul, em 1902. Posteriormente (1907), mudou-se para o Paraná, vindo para Curitiba à procura de madeiras nobres para a manufatura de pianos. Na cidade, no Alto da Glória, montou uma grande fábrica, onde aperfeiçoou e criou pianos comerciais de qualidade. Os seus

filhos e descendentes continuam a sua obra. (Chaves : 1995, 55- 59), (Tourinho : 1990, 173- 175).

Paulo Groetzner. Descendente de alemães nascido em São Paulo, veio para o Paraná em 1912. Estabeleceu a grande Fábrica Lucinda no arrabalde do Juvevê. Esta foi uma das mais modernas indústrias de então, criada em Curitiba. Como não havia ligações elétricas na área, a própria fábrica possuía um conjunto de baterias. As suas máquinas a vapor eram das mais completas e modernas. Já havia um controle de rigorosa higiene no processo de produção dos gêneros alimentícios que lá eram processados. A fábrica Lucinda oferecia uma linha de bolachas, biscoitos, massas e confeitos em geral, com sofisticadas linhas de armazéns de insumos até modernas embalagens. Os seus produtos eram muito conceituados e as suas instalações “ciclópicas” muito impressionavam os seus contemporâneos, como a face da moderna indústria em Curitiba. (Chaves, 1995: 43- 45).

Fernando Hürlimann. Negociante de origem suíça estabelecido em Curitiba. Juntamente com seu sócio Jorge Eisenbach, criaram e registraram na Junta Comercial a Fábrica Paranaense de Fósforos de Segurança em Curitiba em 1895/96. Em 1912, Hürlimann monta sociedade com o alemão Francisco Hösse, sendo o primeiro o “sócio capitalista” e o segundo o “sócio industrial”. De acordo com o Censo Industrial do Brasil de 1907, a firma de Hürlimann era a 11ª maior firma manufatureira do Brasil em valor da produção. A firma possuía um capital de 3.000 (mil Reis); 800 trabalhadores, 85 cavalos-vapor e 4.800 (mil réis) como valor de produção. A firma foi arrendada em 1904 à multinacional “ Fiat Lux ”, controlada pela Companhia Sueca Swedisch Match. A fábrica fundada em 1895 por Hürlimann e Eisenbach foi ampliada e modernizada. Ainda hoje (1995) é considerada a maior fábrica da Fiat Lux e a maior indústria de fósforos em produção do mundo. A tecnologia foi basicamente nacional, beneficiada pelas abundantes madeiras existentes no Paraná. (Chaves, 1995: 236/45), (Dean : 1989, 260).

Se muitos dos alemães chegaram através de Rio Negro e da Colônia Dona Francisca, muitos italianos reemigraram de Morretes, no litoral paranaense.

Guiseppe Todeschini. Natural de Arcole, Verona, na Itália. Imigrou em 1877 para o Paraná. Esteve primeiramente em Anhaia-Morretes. Casou-se em 1878 com Domênica Cemim. Após uma curta estadia na marinha, mudou-se para Curitiba, onde trabalhou durante sete anos na construção de casas de madeira para os imigrantes das Colônias Muricy e Imbituva. Em 1885, começa a fabricar macarrão em uma antiga chácara na Água Verde; no início apenas com uma prensa manual, e depois movida a animal, o negócio prosperou. Logo a fábrica se amplia e se moderniza, passando a produzir massas alimentícias em geral e outros produtos alimentares que receberam vários prêmios em exposições nacionais e internacionais no século XX. Guiseppe Todeschini faleceu em 1922, mas seus descendentes continuaram o negócio (Guiseppe teve onze filhos). Em 1995, a fábrica mudou de lugar e já está na 4ª geração da família, empregando mais de 1.000 trabalhadores. (Chaves, 1995: 29/40)

Pedro Zagonel. Nasceu em Curitiba, em 3 de novembro de 1885. Filho do imigrante Maximino Zagonel, natural do Tirol Italiano, que chegou em Curitiba no mesmo ano. Pedro começou a trabalhar cedo na estrada de ferro Curitiba- Paranaguá,

depois como operário, na serraria de seu tio materno, João Bettega, na Colônia Nova Tirol, em Piraquara. Mudou-se para Fazenda Rio Grande, então em Mandirituba, para se tornar empreiteiro de uma fábrica de cabos de vassoura, ainda com seu tio. Em 1914 entra em uma sociedade com João Gregório Barbosa, rico fazendeiro e proprietário de uma grande área de Pinhais. Em 1924, Pedro funda a sua própria empresa madeireira, “Irmãos Zagonel”, que viria a se expandir para o interior do Paraná e para o Brasil. Pedro Zagonel além de ser grande empresário do setor madeireiro destacou-se na vida religiosa de Curitiba e como criador de estilos, como o veraneio na Praia de Leste. Faleceu em 1963. (Chaves : 1995, 23/26)

João Bettega. Nasceu em Trento, na Itália. Migrou para o Brasil em 1877. Em 1896 instalou a indústria J. Bettega na Colônia Novo Tirol de Piraquara. Em 1912, transferiu-se para a Fazenda Rio Grande, com negócios ligados ao setor madeireiro (caixas, cabos de vassoura, artefatos de madeira). Posteriormente, montou atividades em várias localidades no Paraná, exportando madeiras e produtos para outros estados e para o Prata. Faleceu em 1951. Seus filhos continuaram os negócios. Seu filho Lídio Paulo Bettega, foi Presidente da Federação das Indústrias do Paraná (FIEP) durante 4 gestões, de 1958 a 1968. (Chaves:1995, 93- 95).

Emílio Romani. Nasceu na Toscana em 1869. Migrou jovem para Curitiba, na época da construção da Estrada de Ferro. Estabeleceu em 1891 um armazém de secos e molhados e armarinhos no centro de Curitiba: a empresa prosperou no comércio de alimentos e na indústria alimentícia. Atuou no processamento e comercialização dos produtos Diana (o nome da sua neta), com açúcar, café, arroz e sal. (Chaves, 1995: 161- 170).

Giovani Malucelli. Emigrou para o Brasil em 1877 e após um ano de Brasil, faleceu de maleita, em Alexandra, na marinha, onde se instalara com a família de oito filhos. A sua mulher, Margarida, prosseguiu na educação dos filhos. Com a construção da estrada de ferro, os mais velhos encontraram empregos relativamente bem pagos. Com um sentido econômico bem desenvolvido, na base da poupança, o Clã Malucelli investiu na agricultura, no comércio e na indústria. Os Malucelli comprariam o decadente Engenho Central de Morretes e o fariam ativo novamente. O filho mais velho, Marcos Malucelli, seria considerado o imigrante italiano mais rico de todos os localizados em Morretes. Foi Vereador e Presidente da Câmara, cargo que exerceu até sua morte em 1927. (Borges :1990, 34 - 40).

Carlos Trombini, nascido em Cremona, na Itália, chegou ao Brasil em 1877, estabelecendo-se na Colônia Alexandra, depois indo para a Colônia América em Morretes. Dedicou-se à agricultura e tentou o comércio em Curitiba. Não conseguindo resultados, voltou para Morretes. Teve quatro filhos. O seu filho Olympio Trombini, trabalharia com a organização de pedreiras e a construção civil em Morretes e Antonina. Era fornecedor de pedras e paralelepípedos para a Prefeitura de Curitiba. Posteriormente, veio a dedicar-se ao comércio em geral, também sendo gerente de cinemas em Morretes e Paranaguá. Era politicamente ativo na Sociedade Beneficente e Recreativa dos Operários. Foi prefeito de Morretes, por ser de confiança do interventor, Manuel Ribas. Militou no PSD (Partido Social Democrático). Um filho de Olympio - Mirtillo, nascido em 1919, em Morretes, empregou-se como auxiliar de escritório na fábrica local de papel. Foi transferido para abrir um escritório de compra

e venda de papéis em Curitiba. Com a sua visão empresarial, abriu em 1914 uma pequena firma de comércio de papéis e representações. Esta foi a origem do Grupo Industrial Trombini, que em 1990 seria responsável por cerca de 10% do mercado nacional de embalagens de papelão ondulado e sacos de papel. (Borges : 1990, 91-96).

A imigração polonesa que foi quantitativamente superior em termos demográficos, não produziu uma camada burguesa comparável àquela formada pela imigração alemã ou italiana. As razões sociais vinculam-se ao caráter rural mais atrasado da Polônia do século XIX, ocupada e oprimida pelo Império Alemão, pela Rússia Czarista e em menor escala pelo Império Austro-Húngaro. As deficiências na educação desses imigrantes, com o grande número de analfabetos, a frágil base técnica de uma região pré-industrial e uma economia camponesa nas suas regiões de origem, não promoveram condições para a formação de uma grande burguesia imigrante polonesa. Mas vários proprietários ligados a estabelecimentos comerciais de origem polonesa surgiram em Curitiba. (Tourinho : 1990, 193).

O maior destaque libanês foi a trajetória de Miguel Antun. Imigrante de origem libanesa, chegou ao Brasil em 1884. Em 1893, mudou-se para Tomazina, no Norte Pioneiro do Paraná. Dedicou-se ao comércio. Em 1899, casa-se com Cecília Bernardina Silva e passa a assinar Miguel Antonio Vieira. Em 1905, nasce seu filho Avelino Vieira, que seria o fundador do Banco Bamerindus. (Nogueira : 1986). (Brandão : s/d).

O sucesso dos imigrantes relacionava-se à rapidez e velocidade com que se adaptavam à sociedade e à cultura tradicional brasileira. Os mais dinâmicos eram ressocializados e aprendiam a conviver com a língua e com a atmosfera social, econômica, política e cultural dominante.

A história da imigração européia no Paraná não é apenas composta de empreendimentos bem-sucedidos. Os fracassos na experiência de Superaguí, na implantação dos teuto-russos nos Campos Gerais, as dificuldades em Assungui e o relativo fracasso da colonização italiana em Morretes impõem certa reflexão. Não são os imigrantes sozinhos que iniciam a modernização econômica e a industrialização. Eles vêm no bojo desses processos de transformação que ajudam a fortalecer e implantar nas regiões nas quais eles podem se estruturar.

O sucesso ou o fracasso da colonização européia não depende necessariamente do clima. As colônias Dona Francisca (Joinville) e Blumenau prosperaram em baixadas e vales de verões extremamente quentes e úmidos, enquanto os alemães do Volga fracassaram no clima mesotérmico dos Campos Gerais. A imigração européia decolou com o fundamental apoio do Estado. As subvenções e a intervenção oficial foram essenciais para a vinda e sobrevivência dos imigrantes no Paraná. E somente foi bem-sucedida na presença de mercados e de meios de transporte previamente disponíveis para o escoamento de seus produtos. Além disso, os brasileiros ensinavam a utilização dos recursos materiais e dos produtos agrícolas da região, tarefa indispensável para os procedentes do velho continente. Logo, esta só sobreviveu na presença de populações brasileiras previamente a apoiando. Sem o auxílio direto da população brasileira, a imigração não se estabelece. Como a mais nova capital de Província do Império, Curitiba seria um grande magneto para os imigrantes europeus do Paraná e de Santa Catarina.

As boas relações com a classe dominante brasileira também seriam fundamentais para o crescimento e desenvolvimento econômico das colônias. O papel da família Flores em Blumenau (tronco dos Konders) e do clã dos Oliveiras em

Joinville (tronco dos Gomes de Oliveira e Abdon Batista) representa vitais articulações políticas daquelas localidades na República Velha⁶.

Os capitais sociais e econômicos trazidos pelos imigrantes, ao lado da férrea vontade de reiniciar uma nova vida no Brasil que caracterizava a maioria deles, igualmente desenha a nova estrutura de classes na diferenciação social entre as massas de imigrantes.

A imigração italiana não desenvolveu a área de Morretes, mas teve papel importante na área de Curitiba. Os teuto-russos do Volga abandonaram em largo número a sua área pioneira de colonização dos Campos Gerais. Os alemães que reemigram da região de Joinville e Blumenau para Curitiba no século XIX, encontram um cenário melhor preparado no Paraná do que nas duras condições pioneiras naquelas localidades. A imigração isolada fracassa. Uma das melhores experiências foi a implantação eslava nos arredores de Curitiba, durante a gestão provincial conservadora de Lamenha Lins (1875-1877). Esta original experiência ajudou a configurar o modelo urbano da região de Curitiba. Foi um modelo de reforma agrária de caráter semi-urbano .

A diferenciação interna entre os imigrantes europeus leva alguns grupos familiares a imitarem o *familismo* da velha classe dominante luso-brasileira. Os imigrantes enriquecidos tendiam a reproduzir a sua posição de classe privilegiada. A formação da burguesia imigrante só é possibilitada pela sua integração com a sociedade e com o Estado brasileiro, ambientes que a perpassam e a controlam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avé-Lallemant** (1953). Viagem pelo Sul do Brasil. INL.
- Balhana, Altiva e Westphalen, Cecília.** (1986). Demografia e Economia : O Empresariado Paranaense. 1829-1929, in Brasil : História Econômica e Demográfica, Iraci Del Nero Costa (org). IPE/USP.
- Borges, Lúcio.** (1990). A Imigração Italiana em Morretes. O Formigueiro. Curitiba.
- Brandão, Ignácio de Loyola.** (sem data). Olhos de Banco. Avelino Vieira. DBA Artes Gráficas.
- Carneiro, David.** (sem data). Fismas Estruturais da Economia do Paraná. Imprensa da Universidade do Paraná.
- Chaves, Maria de Lourdes Marques.** (1995). Voltando ao Passado. Histórico de determinadas Indústrias e Casas Comerciais de Curitiba. Vitória. Curitiba.
- Dean, Warren.** (sem data). A Industrialização de São Paulo. Difel. São Paulo.
- _____. (1989). A Industrialização Durante a República Velha. In História Geral da Civilização Brasileira. (org). Boris Fausto. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.
- Doria, Francisco Antonio.** (1995). Os Herdeiros do Poder. Revan.
- Ianni, Octávio.** (1988). As Metamorfoses do escravo. Hucitec/Scientia et Labor.
- Martins, Romário.** (1941). Quantos Somos, Quem Somos. Dados para a História e a Estatística do Povoamento do Paraná. Empresa Gráfica Paranaense. Curitiba.
- Negrão, Francisco.** (1950). Genealogia Paranaense. Imprensa Paranaense.

⁶ Tais articulações políticas mantém a tradição de continuidade genealógica do poder naquelas duas regiões consideradas das mais modernas no Brasil e ainda cobrem a política catarinense na década de 1990. Do lado das velhas famílias de Joinville, o Governador (1986-1990) Pedro Ivo Figueiredo de Campos e do lado das velhas famílias de Blumenau, o Governador (1991-1994) Antonio Carlos Konder Reis. (Oliveira: 1996 : 109) e (Doria : 1995, XXIX).

- Santos, Carlos Roberto Antunes dos.** (1995). História da Alimentação no Paraná. Farol do Saber.
- Oliveira, Ricardo Costa de.** (1996). Oliveiras Entre Alemães. Estudo de Caso da Classe Dominante no Nordeste de Santa Catarina. Da Lavoura Escravista para a Indústria e Política. Revista de Sociologia e Política N. 4/5. Curitiba.
- Nogueira, Mauro R.** (1986). Avelino Vieira. Biografia Dinâmica. Educa. Curitiba.
- Souza, Newton Stadler de.** (1970). O Anarquismo da Colônia Cecília. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- Tourinho, Luiz Carlos Pereira.** (1990). Toiro Passante III - Tempo de República Velha. Estante Paranista 34. Gráfica Rocha.